

O LIVRO RARO E EXPOSTO: QUESTÕES DE DIFUSÃO E PRESERVAÇÃO

Tamar de Carvalho R. Lopes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

lopes.tamar.89@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa objetiva demonstrar como deve ser montada uma exposição temporária de livros raros, relevando a missão da biblioteca de livros raros, quase contraditória, de difusão e preservação. Através de revisão literária, trata da exposição temporária de livros raros como ação de competência do bibliotecário ou do museólogo, em face da discussão sobre se o livro raro é um item bibliográfico ou um objeto museal. Discute os modos de expor em museu e biblioteca e as questões éticas relativas à competência para a montagem de exposições. Apresenta um conjunto inventariado de recomendações técnicas, emitidas por órgãos distintos, e de boas práticas, a partir de modelo da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional brasileira. Conclui, ponderando sobre a autonomia do bibliotecário montar exposições temporárias de livros raros.

PALAVRAS-CHAVE

Livros Raros - Exposições temporárias. Biblioteconomia de Livros Raros. Preservação de acervos bibliográficos. Museologia. Conservação Preventiva.

ABSTRACT

This research aims to demonstrate how it should be mounted a temporary exhibition of rare books, highlighting the mission of the rare books library, almost contradictory, of dissemination and preservation. Through literature review, this temporary exhibition of rare books as racing action librarian or museologist, given the discussion of the rare book is a bibliographic item or museum object. Discusses ways to exhibit in the museum and library, and the ethical issues relating to jurisdiction for mounting exhibitions. Presents a set of inventoried technical recommendations issued by different bodies, and best practices from model Rare Books Division of the Brazilian National Library Foundation. Concludes, pondering autonomy Librarian mount temporary exhibitions of rare books.

KEYWORDS

Temporary exhibitions of rare books. Rare Books Librarianship. Library Preservation. Museology. Preventive Conservation.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetiva demonstrar como deve ser montada uma exposição temporária de livros raros, relevando a missão da biblioteca de livros raros, quase contraditória, de difusão e preservação.

A abordagem do tema envolverá desde a exposição como recurso de difusão, aos necessários cuidados de preservação, envolvendo questões relativas à segurança. Não seria possível pesquisar sobre o assunto sem envolver procedimentos afins a exposições em geral; tais como: escolha do mobiliário, materiais complementares, montagem, controle do ambiente, normas de trânsito e circulação de pessoas, tempo de duração e desmontagem. Dessa forma, os pilares básicos desta pesquisa estão centrados na interdisciplinaridade, na confluência entre Biblioteconomia de Livros Raros, Preservação de acervos bibliográficos e Museologia.

Os conteúdos das disciplinas História do Livro e das Bibliotecas (HLB I e II) e Políticas de Preservação de Acervos Bibliográficos (PPAB) da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que subsidiam na teoria e na prática a Biblioteconomia de Livros Raros, e as exposições de livros observadas em Bibliotecas do Rio de Janeiro, motivaram a escolha do tema, porque a acumulação desses conhecimentos levou ao discernimento da biblioteca, também, como um espaço expositivo.

Nesse contexto, a adoção do veículo museológico¹ exposição temporária evidencia questões relativas ao arranjo e ao cuidado dos objetos e do ambiente – leia-se: os livros raros e a Biblioteca de livros raros, respectivamente, à luz da associação de conceitos e práticas no âmbito da Biblioteconomia de Livros Raros, da Preservação e da Museologia.

Para a consecução da pesquisa foi eleita a revisão de literatura, a partir da consulta a fontes físicas e digitais, consagradas nas três áreas de conhecimento indicadas, e que viabilizassem a interlocução científica. Além disso, foi observado o comportamento dos visitantes a duas exposições de livros raros, realizadas pela Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional, no período desta pesquisa, de modo a registrar dados sobre os mecanismos de apreensão das exposições e seu impacto sobre o visitante.

A primeira parte desta pesquisa dedicou-se aos conceitos utilizados. A segunda parte expõe as diferenças e questões entre os modos de expor no museu e na biblioteca. A terceira parte abordou a questão da competência para a montagem de exposições, nos contextos da Biblioteconomia e da Museologia. A quarta parte trata, especificamente, da exposição de livros raros e de questões que envolvem a Biblioteconomia e a Preservação, arrolando recomendações técnicas, baseadas na

¹ Veículo museológico: a expressão se aplica a exposição permanente ou temporária, no museu, “no plano prático da visualidade,” (LIMA, 2007, p. 9).

literatura e em boas práticas. Finalmente, a quinta parte apresenta considerações sobre a montagem de exposições em bibliotecas, sobre o livro raro exposto e a autonomia do bibliotecário nesse processo.

A pesquisa, desse modo estruturada, procurou esclarecer uma questão, verificada ao longo do curso de Biblioteconomia e de estágios profissionais: o bibliotecário tem autonomia para montagem de exposições temporárias? Esta questão, na pesquisa, deverá relevar preceitos éticos e foi direcionada para o universo de Biblioteconomia de Livros Raros.

2. CONCEITOS

Para abordagem de tema tão complexo houve por bem estabelecer os dois conceitos que alicerçam a pesquisa: livro raro e exposição temporária – e que se consolidam num só: exposição temporária de livros raros

Não se pretende discorrer, aqui, sobre critérios de raridade, mas, definir livro raro sob o ponto de vista operacional desta pesquisa: livro raro é o livro impresso e desse modo entendido pelos gestores de coleções, quaisquer que sejam os critérios por eles eleitos. A amplitude dessa definição não interfere no objetivo da pesquisa que, desse modo, fica centrada num aspecto fundamental do livro raro ao ser exposto – sua materialidade.

De acordo com Pinheiro (2010), a materialidade do livro raro diz respeito, fundamentalmente, ao suporte (papéis, pergaminhos, couros) e aos materiais de impressão (tintas) e encadernação (madeiras, peles de animais, metais, tecidos). A consideração desses materiais tão diversos, envolvendo tipos e estado físico, deve ser objeto de preocupação na montagem de exposições porque, sob qualquer conceito de raridade, cada um desses materiais reage de modo diferente às influências externas, como luz e temperatura. Por isto, a opção de discorrer mais detalhadamente sobre o livro raro como objeto suscetível de exposição se sobrepõe a outros aspectos cuja abordagem não condiciona a escolhida.

A definição operacional de exposição temporária de livros raros envolve o esclarecimento sobre a exposição de objetos, configurados como objetos de museus.

De acordo com Peter Van Mensch (1992 apud LOUREIRO; FURTADO; SILVA, 2007), objetos de museus “são objetos separados de seu contexto original (primário) e transferidos para uma nova realidade (o museu), a fim de documentar a realidade da qual foram separados. Um objeto de museu [...] é um objeto coletado (selecionado), classificado, conservado e documentado. Como tal, ele se torna [...] elemento de uma exposição”. Nesta pesquisa, o contexto original é o acervo bibliográfico, propriamente dito, e a nova realidade é o espaço expositivo – ambos, na biblioteca.

Nesta pesquisa, o “contexto original” é a coleção de livros, propriamente dita; e a “nova realidade” é o livro de coleção na vitrine (informação verbal)².

Ainda, de acordo com Van Mensch (1992 apud CARVALHO, R., 2007, grifos nossos), “as três funções básicas do museu são: preservação [...], a investigação [...] e a comunicação [...]. A comunicação compreende todos os métodos possíveis para transferir a informação a uma audiência: publicações, exposições e atividades educativas adicionais”. Tais funções também se aplicam ao universo do livro raro, como recursos de difusão, utilizados pela biblioteca (informação verbal)³.

Difusão, em Biblioteconomia, é o ato e efeito de “dar a conhecer e por uma publicação ao dispor de um público”, e a exposição é um “meio de despertar o interesse em favor dos livros” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 242, 322).

Convém esclarecer que a palavra exposição remete a diferentes formas de comunicação que se definem pelo alcance da ação, pela natureza e tamanho do objeto, pela intenção e objetivos, pelos tipos de materiais e pelo nível de curadoria – desses aspectos evoluem a mostra, a exibição e a exposição, propriamente ditas (informação verbal)⁴. No entanto, na literatura consultada, não foram recuperadas diferenças entre essas manifestações específicas do ato de expor. Foi observado que as palavras mostra e exibição são de baixa ocorrência e, quando ocorrem, aparecem como sinônimos de exposição. Diante disso, nesta pesquisa, as palavras mostra e exibição foram desconsideradas, em favor de exposição; e a palavra exposição foi adotada para representar toda a forma de mostrar livros.

Quanto ao conceito de temporário, associado à exposição, foi entendido que exposição temporária é aquela de “curta e média duração”, em contraposição à exposição permanente, de “longa duração” (PIMENTEL; COSTA, 2008, p. 133). Uma exposição temporária ocorre por “tempo determinado” (REAL, 1962 apud BITTENCOURT, 2008, p. 4) e, segundo Pimentel e Costa (2008, p. 133), esse tempo determinado pode estender-se entre 30 dias e 24 meses.

3. A EXPOSIÇÃO NO MUSEU E A EXPOSIÇÃO NA BIBLIOTECA

A exposição, no museu e na biblioteca, implica dois diferentes modos de expor, uma vez que a exposição no museu é uma atividade explícita, faz parte das atividades quotidianas do museólogo, enquanto que, na biblioteca, a exposição é circunstancial, ocorre eventualmente como parte das alternativas de difusão de que dispõe o bibliotecário (informação verbal)⁵.

2 Informação verbal oferecida pela Bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, em 30/04/2014.

3 Informação verbal oferecida pela bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, em 30/04/2014.

4 Informação verbal oferecida pela bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, em 25/04/2014.

5 Informação verbal oferecida pela bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, em 15/05/2014.

Esses diferentes modos de expor dependem do público-alvo e da duração da exposição (de curta, média ou longa duração, ou, ainda, “permanente”, “temporária” ou “itinerante”). De acordo com Bittencourt (2008, p. 4) qualquer que seja o público e a duração, a exposição será sempre uma “mostra de trabalhos de arte instalada em um recinto apropriado”.

O “recinto apropriado” a que se refere Bittencourt (2008) é o “espaço físico disponível para realizar a exposição” (MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION, 2001). Esse espaço, quer na biblioteca quer no museu, é definido pelo objetivo da exposição.

Segundo *Museums and Galleries Commission* (2001, p. 21), é preciso saber “o que se pretende alcançar ao montar uma exposição”, e, para isto, é necessário levar em conta a missão institucional de quem expõe, a gestão e a natureza do acervo exposto, o treinamento dos usuários conforme as condições da exposição e o acesso à exposição, propriamente dita.

Esses aspectos reiteram duas abordagens distintas para a ação de expor, envolvendo todos os pré e pós requisitos metodológicos inerentes ao museu e à biblioteca.

Na Museologia, a exposição é um “veículo museológico”, um discurso científico do museólogo; na Biblioteconomia, a exposição é um recurso de difusão, uma ação eventual do bibliotecário – independentemente de métodos, conceitos e objetivos, a biblioteca expõe livros para atender à sua missão de difusão (informação verbal)⁶.

A formação do bibliotecário não o habilita tecnicamente à montagem de exposições adequadas, que impliquem o domínio de conhecimento metodológico disseminado na formação do museólogo. Mas, de fato e, desde que se relevem aspectos éticos, a função de difusão do acervo qualifica o bibliotecário para utilizar todos os recursos que favoreçam ao acervo, no limite de sua capacidade ou assistido por profissionais devidamente habilitados (informação verbal)⁷.

Quando a exposição oferecida pelo museu ou pela biblioteca é de livros raros, as diferenças dos modos de expor na Museologia e na Biblioteconomia ganham outro aspecto a ser considerado: “materialidade do livro, sua anatomia e morfologia se confundem com o conteúdo impresso e gravado”, levando a questões sobre se “o livro raro é objeto da biblioteca ou do museu” (PINHEIRO, 2014).

4. EXPOSIÇÃO DE LIVROS RAROS: QUESTÕES DE BIBLIOTECONOMIA E MUSEOLOGIA

A lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984 (BRASIL, 1984, grifos nossos), que dispõe sobre a profissão do museólogo, estabelece em seu artigo 3º, parágrafo 2º que “planejar, organizar,

6 Informação verbal oferecida pela bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, em 15/05/2014.

7 Informação verbal oferecida pela bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, em 15/05/2014.

administrar, dirigir e supervisionar os museus, as exposições de caráter educativo e cultural, os serviços educativos e atividades culturais dos museus e de instituições afins” são atribuições do museólogo. O parágrafo 14º do mesmo artigo reitera que são atribuições da profissão de museólogo “orientar a realização de seminários, colóquios, concursos, exposições de âmbito nacional ou internacional, e de outras atividades de caráter museológico, bem como nelas fazer-se representar”. Tais disposições são alicerçadas pelo artigo 4º, que esclarece que “para o provimento do exercício de cargos e funções técnicas de Museologia na Administração Pública Direta e Indireta e nas empresas privadas, é obrigatória a condição de Museólogo, nos termos definidos na presente Lei”. No âmbito desta pesquisa, fica evidente o que a lei dispõe como atribuição do museólogo: “orientar a realização” de exposições.

O Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965 (BRASIL, 1965) que regulamenta a lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962 e dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecário⁸, estabelece em seu artigo 5º, que a profissão do bibliotecário “se exerce tanto em órbita pública quanto em órbita privada”, por diversos meios, “que objetivarem, tecnicamente, o desenvolvimento das bibliotecas e centros de documentação”. Tais disposições são fortalecidas pelo artigo 9º, parágrafo 6º do mesmo decreto (grifos nossos), que esclarece que “o Bibliotecário terá preferência quanto à parte relacionada com sua especialidade, no desempenho das atividades concernentes a organização de congresso, seminários, concursos e exposições nacionais ou estrangeiras”. No âmbito desta pesquisa, fica evidente o que o decreto dispõe como atividade do bibliotecário: a “organização” de exposições, desde que estas estejam relacionadas à sua especialidade.

A discussão sobre as diferenças e confluências entre “orientar a realização” e “organizar” uma exposição, não é o objeto desta pesquisa, mas, sim, o fato de que quando a exposição é de livros raros, os conhecimentos teóricos e as boas práticas da Biblioteconomia e da Museologia influenciam os modos de expor (NATHANSON; VOGT-O’CONNOR, 1993), “impondo a necessidade de saberes solidários, que reconheçam no livro raro a qualidade de obra da Arte” e que potencializem seu caráter de informação registrada (PINHEIRO, 2014).

No entanto, de acordo com *Museums And Galleries Commission* (2001, p.12), da Inglaterra, a exposição é encarada como um trabalho de elaboração interna do museu, independente de haver ou não curador⁹ ou especialista de fora particularmente convidado para o projeto; é, portanto, um fenômeno endógeno ao museu e ao mesmo tempo exógeno por estar voltado para o público-alvo a que se destina.

8 Convém esclarecer que a Lei nº 9.674, de 26 de junho de 1998, que dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecário e determina outras providências é a mais recente, porém contém o texto quase integralmente vetado, não fazendo referência a esses dispositivos do decreto.

9 Curador: a ação do curador, no museu, “remete ao cuidado, zelo, [...], ao sentido de cuidar, tomar conta” de um objeto sob proteção (BITTENCOURT, 2008, p. 13, grifos do autor).

O conceito reproduzido não impõe a necessidade da presença de um museólogo no trabalho da exposição, qualquer que seja o seu curador, se a instituição que expõe é um museu, impondo a dúvida quanto à autonomia do bibliotecário para montar exposições alicerçadas no acervo sob sua guarda e curadoria, quando a instituição que expõe é uma biblioteca.

A consideração de algumas funcionalidades específicas do livro raro sugere a necessária interferência do bibliotecário no modo de expô-lo. Tal interferência vai além da condição do livro como objeto e coloca a exposição de livros, também, como “um fenômeno endógeno” à biblioteca. Talvez as duas funções, a do museólogo e a do bibliotecário se completem, pelos distintos modos de olhar o livro.

Segundo a museóloga brasileira Tereza Cristina Scheiner (2006, p. 24), a interdisciplinaridade da equipe responsável pela montagem de exposições é essencial, assim como a “[...] presença do museólogo nos projetos de exposição. Todo projeto de exposição poderá ter arquiteto, designer, iluminador, educador, cientista, mas o museólogo é que vai fazer esse alinhavo a que denominamos Museologia. É o museólogo que irá definir a exposição como objeto simbólico de caráter museológico”. Com esse ponto de vista, a museóloga considera necessária a presença de um museólogo ao longo de todo projeto de exposição e exemplifica sua abordagem, a partir de sua experiência como gestora do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro: “embora seja um museu grande para uma equipe relativamente pequena, esta equipe consegue desenvolver todo o processo de uma exposição, desde sua concepção, desenvolvimento da pesquisa, passando pelos projetos museológico¹⁰ e museográfico¹¹, até a montagem da exposição” (SCHEINER, 2006, p. 43).

A abordagem de Scheiner é endossada pela museóloga Helena Uzeda (informação verbal)¹², que afirma que a presença do museólogo na concepção de exposições se faz necessária devido ao conhecimento técnico adquirido por esses profissionais sobre a escolha do local e do ambiente adequados e sobre questões de preservação, entre outras. A museóloga também afirma que esse trabalho deve ser em equipe, envolvendo profissionais de diversas áreas, com competência para interferir, contribuindo, em qualquer estágio da exposição, bem como alternar funções de modo que toda a equipe assuma, em conjunto, a responsabilidade pelo projeto e a tomada de decisões finais sobre todo e qualquer aspecto da exposição.

A bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, chefe da Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional Brasileira, por sua vez, entende que uma exposição de livros pode ser projetada, desenvolvida e montada pelo

10 Museológico: “Etimologicamente, a museologia é o ‘estudo do museu’. O termo ‘museológico’ é seu derivado. [...] visa a aplicar, muito amplamente, o termo ‘museologia’ a tudo aquilo que toca ao museu e que remete, geralmente, no dicionário, ao termo ‘museal’” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 61).

11 Museográfico: “Atualmente, a museografia é definida como a figura prática ou aplicada da museologia, isto é, o conjunto de técnicas desenvolvidas para preencher as funções museais, e particularmente aquilo que concerne à administração do museu, à conservação, à restauração, à segurança e à exposição. [...] tende a ser usada com frequência para designar a arte da exposição” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 58-59).

12 Informação verbal oferecida pela museóloga Helena Uzeda, em 17/03/2014.

bibliotecário, no limite de suas funções e contando com a colaboração de outros profissionais que lidam com a materialidade e a informação explícita do livro (informação verbal)¹³. No entendimento da bibliotecária, o conhecimento do livro, material e intelectualmente, é uma das aptidões do bibliotecário, que lhe reconhecem competência para apresentar o livro, em diferentes circunstâncias.

O Conselho Federal de Biblioteconomia, através da resolução nº 42, de 11 de janeiro de 2002 (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA, 2002) que dispõe sobre o Código de Ética Profissional, esclarece no artigo 3º que cumpre ao profissional Bibliotecário “exercer a profissão aplicando todo zelo, capacidade e honestidade no seu exercício”, bem como “cooperar intelectual e materialmente para o progresso da profissão, mediante o intercâmbio de informações com associações de classe, escolas e órgãos de divulgação técnica e científica”. Essa disposição leva à inferência de que, sob o ponto de vista ético, ao bibliotecário cumpre a função de curadoria, no exercício das atividades concernentes à sua profissão. Tais disposições são fortalecidas pelo artigo 8º do mesmo Código de Ética que define que o bibliotecário deve “interessar-se pelo bem público e, com tal finalidade, contribuir com seus conhecimentos, capacidade e experiência para melhor servir a coletividade”.

Sabe-se que o bibliotecário adquire, ao longo de seus anos de estudo, valores inerentes à segurança, preservação, conservação de livros – disseminados em disciplinas como Organização e Administração de Bibliotecas, Formação e Desenvolvimento de Coleções, Políticas de Preservação de Acervos Bibliográficos e História do Livro e das Bibliotecas (onde se divulga a noção do livro como objeto apreciável e do livro raro como obra de arte), bem como técnicas para preservar e disseminar a informação, de maneira que a informação alcance, indiscriminadamente, todos os públicos e sobreviva por diversas gerações.

A informação, aqui indicada, tem o mesmo sentido proposto por Le Coadic (1996, p. 5), quando a descreveu como “um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte”. Esse conceito reitera o papel da biblioteca como “um sistema de informações”, constituído pelos registros bibliográficos sobre alguma forma de suporte, por ela reunidos. Torna-se válido ponderar, então, que a preservação dos suportes onde a informação está registrada, em todas as circunstâncias de uso, é uma atribuição inquestionável do bibliotecário.

Essa ponderação, segundo a bibliotecária Ana Virginia Pinheiro (informação verbal)¹⁴, leva à outra inferência: embora não seja qualificado para a montagem de exposições, nos contextos museológico e museográfico, o bibliotecário é habilitado para o cuidado do livro exposto, para diferentes formas de acesso: em exposição, fechado, na estante da biblioteca (Ilustração 1); ou, em exposição, ou aberto, na mesa de leitura (Ilustração 2) ou numa vitrine (Ilustração 3).

13 Informação verbal oferecida pela bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, em 21/02/2014.

14 Informação verbal oferecida pela bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, em 15/05/2014.

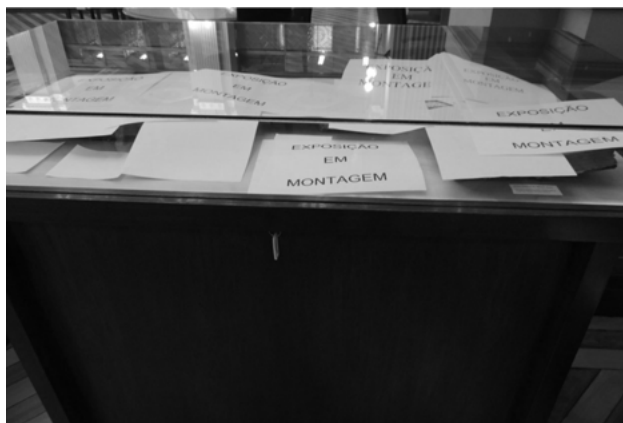


Ilustração 1



Ilustração 2



Ilustração 3

O cuidado do livro exposto, acessível, diz respeito aos modos de sua guarda e manuseio, no ambiente controlado da biblioteca, à luz de preceitos fundamentais preservação de acervos bibliográficos (cf. OGDEN, 2001; OGDEN; GARLICK, 2001).

Na Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional, por exemplo, as exposições temporárias são pesquisadas e montadas por bibliotecários, a partir de critérios quanto ao conteúdo e a

materialidade, formalizados pela Biblioteconomia de Livros Raros (informação verbal)¹⁵. Além disso, técnicos de preservação podem contribuir no processo de montagem, higienizando livros, hidratando encadernações, opinando sobre os modos de apoio (Figura 3) e o posicionamento dos volumes ou das vitrines em relação à luz – a abertura dessas exposições para público, após a montagem, é condicionada à liberação pelos técnicos de preservação, após a constatação de que as condições de exposição, no período previsto, não causarão efeitos colaterais indesejados no suporte de registro.

No processo descrito, verifica-se ação interdisciplinar, envolvendo bibliotecários e técnicos de preservação, isto é, restauradores, encadernadores e higienizadores.

Observa-se que a preservação das obras é um critério prioritário nas exposições, recomendado na literatura como um cuidado redobrado para que as peças expostas “não sejam [...] danificadas” (COSTA, 2006, p. 58).

Isto pode ser constatado, por exemplo, no processo de empréstimo de peças do acervo da Biblioteca Nacional para exposições fora de seu espaço físico. Na Biblioteca Nacional, o serviço de *Courrier*¹⁶ de obras que serão expostas em outras instituições, nacionais e estrangeiras, é sempre da competência de um técnico de preservação, que terá autoridade para interferir, inclusive, nos modos de acomodação dos itens da Biblioteca nos expositores apresentados (informação verbal)¹⁷.

Tais condições não inviabilizam a participação do museólogo no processo descrito, nem a do bibliotecário como curador de exposições, assim como de outros profissionais que, eventualmente, seriam necessários, como o arquiteto, o *designer*, o iluminador e outros demandados em função de diferentes circunstâncias que podem envolver uma exposição.

Afinal, qual seria efetivamente o limite de competência de um ou outro profissional – bibliotecário e museólogo?

Evidentemente, há que se distinguir o trabalho intelectual de produção de uma exposição do processo de montagem propriamente dito.

5. EXPOSIÇÃO DE LIVROS RAROS: QUESTÕES DE BIBLIOTECONOMIA E PRESERVAÇÃO

Segundo Carvalho (2013, p. 2), a vitrine é o elemento mais importante de uma exposição, pois é ela que intercepta a comunicação entre o usuário e o objeto e é imprescindível que ela esteja bem organizada e seja capaz de passar a mensagem proposta. Para cumprir esse objetivo, por exemplo,

¹⁵ Informação verbal oferecida pela bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, em 21/03/2014.

¹⁶ Courier: “Pessoa que acompanha a postagem/transporte” (COSTA, 2006, p. 58).

¹⁷ Informação verbal oferecida pela Bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, em 30/04/2014.

no mundo da moda, existe o *visual merchandising*, que é o profissional responsável por organizar o conteúdo da vitrine de modo a atrair o público para a compra.

Na exposição em bibliotecas, a organização do conteúdo da vitrine é um modo de atrair o público, porém, não com o intuito de “vender” o livro, mas de aproximar o visitante do objetivo que aquela exposição quer cumprir, ou seja, atrair o visitante para o uso da biblioteca. Quando se expõe um objeto num museu ou em uma biblioteca, a principal intenção da exposição é aproximar o visitante do universo que está sendo exposto; e o alcance dessa intenção dependerá do tipo de exposição, de leitor, de liberdade ou interação verificada na exposição.

Um dos elementos principais para o sucesso de uma exposição, segundo Carvalho (2013, p. 2), é a vitrine, que deve ser objeto de diversas preocupações, tais como “quantidade, tamanho, formato, cores, temas” e sua adequação ao objeto exposto. Nesse contexto, evoluem outros aspectos a serem considerados, a partir de conceitos museais, como a expografia e a expologia.

A Expografia “é a forma da exposição de acordo com os princípios expológicos e abrange os aspectos de planejamento, metodológicos e técnicos para o desenvolvimento da concepção e materialização da forma” (CURY, 2003 apud CURY, 2014, p. 27); como parte da museografia, “visa à pesquisa de uma linguagem e de uma expressão fiel na tradução de programas científicos de uma exposição” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 1998 apud CURY, 2005, p. 27).

A Expologia: “envolve os princípios museológicos, comunicacionais e educacionais de uma exposição, e a sua base fundante” (CURY, 2003 apud CURY, 2014, p. 27); “como parte da museologia, estuda a teoria da exposição” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 1998 apud CURY, 2005, p. 27).

No entanto, as exposições de livros raros em bibliotecas estão fundadas, quase sempre, na erudição do curador (comumente, um bibliotecário) e nos fundamentos da Preservação de Acervos Bibliográficos (Cf. OGDEN, 2001). De tal modo que,

Exposições temporárias de livros raros e documentos antigos são cada vez mais frequentes e generalizadas. Elas representam uma oportunidade para colocar o público em contato com livros e documentos que, de outra forma, estariam fora de vistas, do acesso regular ou muitas vezes, desconhecidos. O livro, considerado como herança cultural, tornou-se objeto de exposições, com foco no trabalho de um artífice ou num evento histórico. Por isto, a colocação de livros em exposições deve respeitar critérios e precauções que considerem o valor cultural e parâmetros ambientais, e de segurança, alicerçados em conceitos fundamentais da Biblioteconomia e da Preservação e em recomendações consagradas. (CULTURE, IDENTITÀ E AUNOMIA DELLA LOMBARDIA, 2009, tradução nossa).

Essas exposições, embora multiplicadas, não ocorrem de modo não controlado ou sob critérios oportunistas; existem recomendações técnicas sobre o assunto, de validade internacional, emitidas pela International Federation of Library Associations and Institutions (2004, tradução nossa). Segundo estas recomendações, o livro raro é um objeto suscetível à exposição, desde que submetido a algumas regras, que podem ser relacionadas à descrição e manutenção de seu estado físico, envolvendo as instalações, medidas de segurança e características físicas da exposição. Algumas dessas recomendações estabelecem:

- as exposições devem ser em vitrines fechadas (Ilustração 4) e com alarme, exceto em caso de objetos emoldurados e marcados;
- o tempo de exposição máximo das obras em papel é de três meses e para períodos maiores, é preferível expor o fac-símile, por questões de segurança e preservação do livro raro;
- o responsável pela exposição é um bibliotecário curador ou conservador, dependendo da instituição;
- a inclusão de uma obra numa exposição pressupõe a ação do bibliotecário conservador como o responsável por avaliar sua raridade, valor e procedência; e a ação do restaurador como avaliador das características e condições do material, e é ele quem propõe qualquer tratamento de conservação necessário e que avalia as condições para a exposição.

Outro documento relevante, neste aspecto, são as práticas do National Park Service, consagradas em texto dos arquivistas David Nathanson e Diane Vogt-O'Connor (1993, p. 2 tradução nossa), onde se destacam as seguintes medidas:

- os níveis de luz, em casos de exposição, devem ser mantidos a um máximo de 50 lux¹⁸;
- lâmpadas fluorescentes devem ser cobertas com um material de filtração de raios ultravioleta;
- um horário fixo para virar a página do livro deve ser estabelecido, para garantir que nenhuma página fique exposta à luz por um longo período de tempo;
- Um apoio adequado deve ser utilizado para a exposição em livro aberto (Ilustração 4) para evitar que o mesmo sofra pressão sobre a lombada e seja danificado.



Ilustração 4

18 Lux: “lumens por metro quadrado. Medida dos níveis visíveis de luz” (OGDEN, 2001, p. 9)

Além disso, os cadernos publicados pelo Projeto de Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, promovido pelo Arquivo Nacional e patrocinado pela Mellon Foundation, também sintetizam a exposição de itens bibliográficos, com ênfase para a Biblioteconomia e a Preservação.

Ogden (2001, p. 31) entende que exibir peças únicas e raras é uma função importante das instituições que abrigam acervos, em especial de museus, que costumam trabalhar com exposições com maior frequência em relação a bibliotecas. A autora também esclarece que, embora a exposição possa prejudicar a longevidade do objeto, há procedimentos que podem ser tomados para minimizar estes riscos e danos, destacando:

- expor o fac-símile, protegendo assim o original;
- proteger o livro da luz e do manuseio do público, ou seja, a vitrine deve ser fechada e deve haver um controle constante dos níveis de luz e o uso de raios ultra violeta, evitando colocar lâmpadas dentro das vitrines. É preferível que a exposição seja temporária;
- controlar a temperatura, da umidade relativa do ar e da poluição atmosférica, devendo-se observar se o material utilizado na construção de vitrines ou quadros é adequado para a preservação dos objetos.

O conjunto de medidas e recomendações sobre os modos de expor arrolados evidencia o quanto um curador de exposição bibliográfica deve conhecer sobre preservação, para que consiga estabelecer o diálogo com os técnicos da área. Esse saber destaca, prioritariamente, os cuidados que dizem respeito à luminosidade e à segurança.

Essa situação leva à valorização, além das recomendações técnicas arroladas, de experiências resultantes de boas práticas, como aquelas verificadas pela Biblioteca Nacional Brasileira.

Considerando a função da Biblioteca Nacional como órgão referencial para a Biblioteconomia brasileira, e a condição de “uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo, é também a maior biblioteca da América Latina” (Fundação Biblioteca Nacional, c2006), é razoável o reconhecimento dessa biblioteca como modelar. Desse modo, as exposições de livros raros, ali promovidas, configuram-se como “boas práticas” em termos de modelos para outras instituições bibliotecárias.

Essas boas práticas emergiram mediante observação simples de duas exposições realizadas pela Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional entre dezembro de 2013 e maio de 2014, e seu impacto sobre o público visitante:

- a) “Ao Pio Leitor... a virtude: Paz! Mostra sobre a virtude da Mansidão” – de 16 de dezembro de 2013 a 31 de janeiro de 2014, prorrogada até 21 de fevereiro; e
- b) “Livros extraordinários!” – de 28 de fevereiro a 9 de abril de 2014, prorrogada até 9 de maio.

A observação simples dessas exposições não envolveu estudos de público nem pretendeu a descrição de comportamentos observáveis; mas, sim, o relatório de modos e técnicas visíveis nas exposições montadas.

Os dados observados foram submetidos e confirmados pela bibliotecária Ana Virginia Pinheiro, chefe daquela Divisão, responsável pela montagem e curadoria das exposições. Assim, foram observados e confirmados os seguintes aspectos:

- As exposições na Divisão de Obras Raras são de baixos recursos, limitando-se ao conteúdo das vitrines, sem o uso de recursos físicos de divulgação e sinalização, tais como banners, folders para distribuição;
- As exposições são, sempre, de pequeno porte, limitando-se ao máximo de 25 livros, higienizados e expostos em sete vitrines: duas pequenas e cinco grandes;
- Cada exposição tem duração média de 45 a 70 dias, incluindo eventuais prorrogações;
- As vitrines têm base de madeira, e a parte superior (tampo) em vidro, forrado com plástico filmico, que reduz a incidência de luz no seu interior; têm altura total de um metro, com profundidade de cinquenta centímetros e largura em dois tamanhos – cinquenta centímetros e um metro e quarenta centímetros. Essa estrutura possibilita a observação do livro exposto através do tampo e de faces laterais;
- As vitrines são chaveadas e as chaves são individuais;
- O fundo das vitrines tem uma base de papelão, forrado em tecido;
- Os livros são expostos apoiados em pequenos sacos feitos do mesmo tecido e cor do forro, recheados de pedras de aquário (que suportam o peso do livro, sem o risco da presença de outros materiais orgânicos que pudessem migrar ou contaminar os livros);
- Junto aos livros expostos são colocados objetos complementares (materiais e instrumentos de escrita antigos) que decoram as vitrines e que são ali colocados “para ambientar o livro, como se o livro estivesse apoiado numa mesa de escritório, num momento de leitura”;
- Cada livro, na vitrine, é identificado por um verbete que inclui a referência bibliográfica e algumas notas, em linguagem coloquial, que remetem à história do livro, favorecendo a apreensão dos conteúdos selecionados – “embora esta dependa, evidentemente, da bagagem cultural do visitante”.
- Os livros são expostos abertos – exceto se forem mostradas as encadernações – em páginas comumente com informações imagéticas;
- Os defeitos verificados nos livros expostos, provenientes da ação do tempo, do desgaste natural dos suportes ou da ação de bicho, são minimizados ou ocultados por fitas, marcadores de páginas e outros recursos – a ocultação se deve ao fato de que “nem sempre o visitante percebe que esses defeitos decorrem da ação do tempo ou de circunstâncias passadas, podendo atribuí-los à negligência do bibliotecário de hoje”;

- A abertura de cada exposição é condicionada à liberação, por técnico da área de preservação, após avaliação das condições de exposição e de que, cumprido o tempo de exposição, os livros não apresentarão danos decorrentes desse procedimento;
- As exposições objetivam “a difusão do livro raro da Biblioteca Nacional não só junto aos usuários que a frequentam, mas, principalmente, junto ao leigo (aquele que não é pesquisador do acervo) e a usuários potenciais (aqueles que podem ser ou que virão a ser pesquisadores do acervo), incentivando o sentido de pertencimento da biblioteca, como um bem da nação” (informação verbal)¹⁹.

Diante do exposto, verifica-se que a Biblioteca Nacional brasileira adota as recomendações da IFLA.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consideração de normas nacionais e internacionais e de práticas de exposições consolidadas pela Biblioteca Nacional, aqui descritas, possibilitam a proposição de um conjunto de recomendações para a montagem de exposições de livros raros.

Nesse contexto, pretendeu-se conjugar as determinações daquelas normas e as práticas da Biblioteca Nacional, formalizando um conjunto de recomendações, em princípio, compatível, sujeito à adequação por toda biblioteca.

Torna-se válido, então, dizer que, embora cada instituição possa criar seu próprio Código de Comportamento relativo à montagem de exposições, a maioria tem identidade de procedimentos, alicerçada na proteção do livro exposto.

A exposição do livro raro oferece riscos que devem ser relevados pelo bibliotecário, curador da exposição – riscos decorrentes da incidência de luz e temperatura e de subtração.

Desse modo, por uma série de razões, seja em um museu ou numa biblioteca, as exposições precisam ser mudadas de tempos em tempos: os objetos em exposição são submetidos a um desgaste maior do que quando em reserva técnica ou na estante – o meio da exposição se degrada, vitrines envelhecem, recursos auxiliares se desgastam. Assim, não é aceitável que exposições fiquem montadas durante décadas, como se observava até poucos anos atrás.

Além disso, ainda permanece a questão sobre a natureza do livro raro – se é objeto museal ou item bibliográfico; definição longe de alcançar solução, embora prevaleça a condição do livro raro como item de biblioteca. Infelizmente, não foi recuperada, no curso desta pesquisa, literatura em língua portuguesa que aprofunde esse tema.

¹⁹ Informação verbal oferecida pela bibliotecária Ana Virgínia Pinheiro, em 30/04/2014.

Mesmo assim, esta pesquisa procurou ressaltar como necessária a autonomia do bibliotecário na montagem de exposições temporárias, baseando-se em preceitos éticos e no conhecimento do livro raro.

Talvez, a consideração de todos esses aspectos, ratifique a necessidade de incluir, nos conteúdos dos cursos de Biblioteconomia, o conhecimento que potencialize ou atribua ao futuro bibliotecário a autoridade para difundir o livro – raro ou não, através de exposições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

BITTENCOURT, José Neves. Mediação, curadoria, museu: uma introdução em torno de definições, intenções e atores. In: JULIÃO, Letícia (Coord.) **Cadernos de diretrizes museológicas 2**: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa. Belo Horizonte : Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. p. 3-12. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/1caderno_diretrizes_museologicas_2.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2014.

BRASIL. Decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965. Regulamenta a Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispõe sobre o exercício da profissão de bibliotecário. **Diário Oficial da [República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, n. 77, p. 6., 19 ago. 1965.

BRASIL. Lei nº 7.287, de 18 de dezembro de 1984. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de museólogo. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, n. 96, p. 1, 18 dez. 1984.

CARVALHO, Marcelle Abrão de. A vitrine como estratégia de comunicação visual e marketing de produtos. **Revista Especialize Online**, Belo Horizonte, jan. 2013. Disponível em: <<http://www.ipog.edu.br/uploads/arquivos/1acdde9a9039cea333529ce1533db5a2.pdf>> Acesso em: 23 abr. 2014

CARVALHO, Rosane Maria Rocha de. A relação museu e público: a contribuição das tecnologias da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Programa**. Salvador, 2007. Debates sobre Museologia e Patrimônio. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP--058.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA (Brasil). Resolução CFB nº 42, de 11 de janeiro de 2002. Dispõe sobre Código de Ética do Conselho Federal de Biblioteconomia. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 jan. 2002, Seção 1, p. 64.

COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da Museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

CULTURE, IDENTITÀ E AUTONOMIA DELLA LOMBARDIA. You save the books... the books save you...! Milano: Nuova Chorós, 2009. Disponível em: <http://www.cultura.regione.lombardia.it/shared/ccurl/433/644/al_You%20save%20the%20books.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2014.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2013.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Por dentro da BN**: Histórico. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, c2006. Disponível em: <http://www.bn.br/portal/?nu_pagina=11>. Acesso em: 05 mai. 2014

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Guidelines for exhibition loans**. Edinburgh, c2013. Disponível em: <<http://www.ifla.org/publications/ifla-guidelines-for-exhibition-loans>>. Acesso em: 02 fev. 2014.

LE COADIC, Ives-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia e patrimônio interdisciplinar do campo: história de um desenho (inter)ativo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Programa**. Salvador, 2007. Debates sobre Museologia e Patrimônio. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP--060.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus; FURTADO, Janaína Lacerda; SILVA, Sabrina Damasceno. Dos livros às coisas: museus, coleções e representação do conhecimento científico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Programa**. Salvador, 2007. Debates sobre Museologia e Patrimônio. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP--111.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

MEANEY, Kathleen. The library: a museum: course designed and implemented by instructor Kathleen Meaney. In: MEANEY, Kathleen; PETERSON, Mathew. **Terms & Conditions**. Raleigh: North Carolina State University, College of Design, 2007-2010. Disponível em: <<http://www.termsconditions.com/pedagogy/?p=951>> Acesso em: 13 maio 2014.

MUSEUMS AND GALLERIES COMMISSION. **Planejamento de exposições**. [tradução de] Maria Luiza Pacheco Fernandes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Vitae, 2001.

NATHANSON, David; VOGT-O'CONNOR, Diane. **Use and handling of rare books**. Washington, DC:

National Park Service, Museum Management Program, July 1993. 3 p. (Conserve O Gram, n. 19/3). Disponível em:

<<http://www.nps.gov/museum/publications/conserveogram/19-03.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2014.

OGDEN, Sherelyn; GARLICK, Karen. **Políticas de desenvolvimento de coleção e preservação**. Revisão técnica Ana Virginia Pinheiro e Dely Bezerra de Miranda Santos. 2. ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. p. 17-19.

OGDEN, Sherelyn (Ed.). A proteção de livros e papéis durante exposições. In: _____. **Meio Ambiente**. Tradução Elizabeth Larkin, Francisco de Castro Azevedo; revisão técnica Ana Virginia Pinheiro e Dely Bezerra de Miranda Santos; revisão final Cássia Maria Mello da Silva, Lena Brasil]. 2. ed. Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. p. 14-17.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo; COSTA, Thiago Carlos. Monografias tridimensionais: a experiência curatorial nas exposições e média e curta [duração] do Museu Histórico Abílio Barreto. In: JULIÃO, Leticia (Coord.) **Cadernos de diretrizes museológicas 2: mediação em museus: curadorias, exposições, ação educativa**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, Superintendência de Museus, 2008. p. 128-145. Disponível em: <http://www.cultura.mg.gov.br/files/museus/1caderno_diretrizes_museologicas_2.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2014.

PINHEIRO, Ana Virginia. Sobre olhar, ver e tocar o livro raro. **Revista Museu: cultura levada a sério**, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 0149, maio 2014. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/joomla/index.php/component/content/article/9-area-de-servicos/artigos/90-sobre-olhar-ver-e-tocar-o-livro-raro>>. Acesso em: 18 maio 2014.

PINHEIRO, Ana Virginia. Suportes da informação: a encadernação. In: _____. **Produção do Registro do Conhecimento I: planos de aulas**. 2010. f. 51-55. Material didático utilizado no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

PINHEIRO, Ana Virginia. Suportes da informação: o papel. In: _____. **Produção do Registro do Conhecimento I: planos de aulas**. 2010. f. 45-50. Material didático utilizado no Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

SCHEINER, Tereza Cristina. Criando realidades através de exposições. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos (Org.). **Discutindo exposições: conceito, construção e avaliação**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2006.